

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Nesta tremenda confusão que é o ambiente político brasileiro, mais oportuna não poderia soar a palavra do general José Pessoa, proferida em seu próprio nome e no de mais onze oficiais generais, que têm a seu cargo a Zona Militar do Sul.

Políticos civis e militares políticos e, até, alguns jornalistas de relevo e responsabilidade têm procurado substituir, na mecânica da renovação governativa, o voto popular, fundamento único da democracia, por elementos de força, inteiramente estranhos e, até, antagonísticos à índole do regime. Chegou-se a formular uma lei, para o que se denominou a nossa democracia militarista: o Ministério da Guerra, degrau necessário e suficiente para ascender à Presidência da República, o que nos equipararia às tristes nações latino-americanas, onde impera o caudilhismo militar.

Não se limitou o ilustre general do nosso Exército a rejeitar patrioticamente o papel que os parasitas da politicalha quereriam atribuir às classes armadas, para mais facilmente chegar à consecução dos seus funestos designios: foi além e restabeleceu a verdadeira doutrina constitucional e democrática, ao afirmar que, "se alguém se pode candidatar e ter o seu nome registrado perante os altos órgãos eleitorais, assegurando-se o direito de ser votado, é indiscutível que, se eleito, deve ser empossado, não pelo Exército, que não tem tal missão, mas pelas instituições políticas, as quais deve a Força Armada manter e garantir, de acordo com a constituição que juramos defender".

Esta é a luminosa lição que nos vem do Exército e que, por certo, espancará um dos fantasmas, com que se tem procurado assombrar e intimidar a Nação. Possam agora os nossos políticos elevar-se à altura de tal documento.